

Bracher sai acusando credores de formar cartel

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — Fernão Bracher disse ontem que o cartel organizado pelos credores privados estrangeiros para negociar a dívida com as nações em desenvolvimento tem sido um dos principais obstáculos para avanços rápidos na solução do problema que angustia a América Latina.

"Eles impuseram um sistema em que nenhum credor quer perder e todas as decisões são tomadas por consenso. Por causa disso, as negociações marcham a passo de tartaruga e os impasses se repetem a cada instante", disse ele.

Bracher, que pediu demissão de seu cargo e se despediu da comissão de 14 bancos estrangeiros que representa todos os credores na noite de sexta-feira, disse aos banqueiros que "o cartel tem que ser desfeito e que uma solução para o problema da dívida terá que desagradar muitos credores".

Numa entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL antes de sua partida de Nova Iorque, recomendou ao seu sucessor — ainda não escolhido — que "negocie duro e, se não conseguir, pare". Ele esclareceu que é necessário insistir com empenho na defesa dos interesses do Brasil. "Se a nova equipe brasileira perceber que as coisas não estão andando, deve voltar para casa e esperar que os bancos mudem de posição".

Ele explicou que é muito difícil para um país devedor romper o cartel dos bancos, visto que esse sistema foi congelado em contratos muito estritos. Para Bracher, a única esperança de mudança está nos sinais de que o sistema montado pelos credores está ruindo por dentro. Sinal disso seria, por exemplo, a decisão da empresa Moody's, de rebaixar o crédito dos grandes bancos americanos tendo em vista as possibilidades remotas deles receberem o que o Terceiro Mundo lhes deve. A Moody's é uma das mais conceituadas empresas de classificação de crédito dos Estados Unidos. Outro sinal de fraturas no sistema montado pelos credores seria a admissão pelo décimo terceiro banco mais importante americano, o Banco de Boston, de que parte de seus empréstimos à América Latina não serão recebidos.

Tristeza — O ex-presidente do Banco Central disse que estava "muito triste com a saída do ministro Bresser Pereira, especialmente porque ele queria fazer mudanças para o bem do Brasil". Bracher disse que deseja voltar à iniciativa privada mas ainda não tinha decidido entre algumas ofertas de trabalho que recebera.

Bracher declarou que sabia das restrições de muitas pessoas à sua nomeação para o cargo de principal negociador da dívida externa, tendo em vista que ele próprio tinha assumido parte dessa dívida, quando foi chefe da Área Externa do Banco Central. "Sofri muito nessa missão. Tentei usar minha técnica de banqueiro para o bem do país. Sempre disse aos representantes dos credores que desejava o restabelecimento da ordem financeira, isto é, que os accordos deveriam ser bons para as duas partes".

Ele admitiu que ainda há sérias dificuldades para o fechamento do pacote interino de financiamento de 3 bilhões de dólares, tendo em vista as condições impostas por cada banco que aderiu. "Já há adesões suficientes para completar os 3 bilhões, mas são tão estritos os requisitos dos bancos que o pacote ainda pode se desmanchar", disse ele. Uma das dificuldades de última hora seria a decisão do Banco do Kwait de sair do pacote. Se isso ocorrer, vários outros bancos sairiam também.

Bracher disse que nas últimas horas o governo americano tem-se empenhado em convencer o governo do Kwait a ordenar ao banco estatal que volte ao pacote de financiamento do Brasil. Com uma ponta de ironia, ele acrescentou que "para alguma coisa deve servir essa esquadra que os americanos estão mantendo no Golfo Pérsico".

Quanto às negociações para o acordo plurianual, Bracher disse que o prazo de 15 de janeiro fixado no início do mês passado já tinha escorregado para 29 de janeiro. Apesar disso, ele disse que as discussões estavam avançando bastante, tendo em vista esforços da equipe para refinar tanto as estimativas das necessidades de financiamento do país nos próximos dois anos quanto à proposta de transformação da dívida em títulos.

O modelo macroeconômico feito pela equipe do Banco Central para o cálculo dessas necessidades futuras foi, segundo Bracher, um dos melhores esforços desse tipo já feitos no Brasil. "Obviamente, se mudar uma variável básica dos cálculos, os resultados mudarão", disse ele. Assim, o pedido apresentado aos credores na semana passada é de 11,5 bilhões de dólares para o período 1987-1989, em vez dos 10,4 bilhões pedidos na proposta inicial apresentada aos credores em 25 de setembro passado. "Não é que estejamos gastando mais. Simplesmente as taxas de juros estão aumentando", explicou Bracher.

Apesar das reclamações dos bancos diante dessa cifra, Bracher disse que dentre todos os credores do Brasil os bancos privados são os que estão recebendo melhor tratamento. Assim, o Banco Mundial, o FMI e o Clube de Paris teriam que estender em novos empréstimos um montante equivalente ao principal e aos juros que vencerão nos próximos anos.